

Duquesne University

Duquesne Scholarship Collection

I/D Informação Documentação (Portuguese)

ID and Anima Una

11-1-1975

1975 Vol. 01: Criação de Comunidades Cristãs

A Equipe Generalícia

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/id-po>

Repository Citation

A Equipe Generalícia. (1975). 1975 Vol. 01: Criação de Comunidades Cristãs. Retrieved from <https://dsc.duq.edu/id-po/1>

This Article is brought to you for free and open access by the ID and Anima Una at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in I/D Informação Documentação (Portuguese) by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

C R I A Ç Ã O D E C O M U N I D A D E S

C R I S T Ã S

Caros Confrades,

Com alegria vos apresentamos este primeiro número de I/D.

Propomo-nos tratar, em cada número, uma ideia ou uma questão que nos interessa particularmente e que parece ter, ao mesmo tempo, uma relação particular, quer com a Congregação, quer com as suas missões. Procurando realizar o mandato que nos foi confiado pelas Directivas de Animação (nn. 146-148), salientaremos as experiências vividas pelos confrades, as relações sobre as experiências, as pesquisas e as descobertas, bem como as decepções...

Sinceramente, esperamos que I/D se torne um poderoso instrumento de animação e de união fraternas para cada membro da Congregação. Convidamo-vos a enviar as vossas observações e as vossas sugestões.

A Equipe Generalícia

Novembro de 1975

A NOSSA PRIORIDADE DE ACÇÃO: - Toda a nossa atenção se centrará na criação de comunidades cristãs alicerçadas no meio humano... Ad Gent./12

Um ancião pensa e faz-nos reflectir:

"Com os nossos de idade e alguns jovens, estamos numa situação de impasse e sem futuro... Há mais de cem anos que estamos aqui e não conseguimos criar uma igreja local. Agora será necessária uma ruptura para provocar talvez uma tomada de consciência. Queria estar enganado, mas é esta a minha conclusão".

Um outro faz-nos partilhar a sua alegria:

" Considero este tempo o melhor da minha vida missionária. Agora sinto-me feliz e vejo melhor o meu trabalho de padre " (P. Martinho, 60 anos, Brasil).

Qual o segredo do P. Martinho? Sozinho para um grande sector do Brasil, o Padre pedia ao seu Superior Principal outros Padres para o ajudar. Mas não havia ninguém. O Principal encorajou então o P. Martinho a apelar para os leigos, a dar-lhes confiança. E nasceram algumas comunidades vivas e dinâmicas. Agora, maior necessidade de sacerdotes. O P. Martinho descobriu este "milagre" das pequenas comunidades. " Verdadeiramente, diz o Principal, estas comunidades são um rejuvenescimento do Espiritano ".

De toda a parte, um apelo do episcopado no sentido de criar comunidades cristãs, inspiradas na renovação eclesial do Vaticano II. Um exemplo:

" O esforço de fundação, enraizamento e de animação de comunidades, reagrupando cristãos e catecúmenos nas aldeias e outras secções, deve continuar e ser considerado como uma prioridade vital na Igreja do Congo ". (Conferência Episcopal do Congo, 1973).

Uma fortuna para a nossa actividade missionária? Mas como fazer?

UMA ENTREVISTA COM O P. MARTIN VAN ROY, C.S.Sp

" Rumo a uma comunidade cristã viva
em terra BANTOUE "

Nota: o P. Martin van Roy trabalha na República Popular do Congo. Desde há alguns anos, esforça-se por criar comunidades cristãs, alicerçadas no meio humano. As linhas que se seguem não têm outra intenção a não ser lembrar a rica experiência do Padre. Aqueles que mais queiram saber, podemos fornecer; quer a entrevista in extenso, quer dois artigos policopiados sobre o mesmo assunto.

- Padre Martin, qual foi o ponto de partida para a sua experiência?

R./ - Eu parti do próprio meio Bantou... da visão comunitária e vital do homem bantou... O Bantou existe para o seu clan. Só e isolado, enfraquece, é um pária. É sobretudo o facto de viver em conjunto com os seus irmãos, vivendo das relações vitais profundas, o que faz desenvolver e desabrochar o homem bantou... O espírito de pertença e de vida comunitária são uma

força criadora no seio da comunidade.

- A partir do meio bantou, qual o tipo de Igreja considera?

R./ - Antes de mais, um ponto de partida essencial: acredita - mos simplesmente que a Comunidade cristã é Igreja, é o Corpo de Cristo. As considerações teológicas vamos deixá-las aos especialistas. Acentuamos a Igreja como Povo de Deus... a raça dos filhos de Deus, que tem o seu "Antepassado" e "Progenitor", Jesus Cristo, Vivo, Morto e Ressuscitado.

Salientamos a solidariedade e as relações vitais da comunidade com Cristo, os Apóstolos, seus sucessores, e entre os seus próprios membros.

Salientamos o apostolado solidário. Outrora, a base permaneceu demasiado passiva. Agora, insistimos no facto que o primeiro sacramento é a própria Igreja, isto é, a comunidade cristã. O primeiro pecado dum membro da comunidade cristã é a passividade.

Colocamos o acento na salvação colectiva, insistindo sobre o poder libertador da Mensagem, numa libertação colectiva e de grupo.

- Como chegou a suscitar tais comunidades?

R./ - Em primeiro lugar é necessário todo um trabalho de sensibilização junto da base: fazer compreender à gente que a Igreja é um assunto que lhes diz respeito, que eles têm uma responsabilidade em tudo.

Uma vez compreendido isto, torna-se necessário escolher responsáveis. Esta escolha deve igualmente ser trabalho de todos. Preferimos responsáveis representativos e conceituados, justos e abertos, exercendo uma influência real sobre as gentes.

Dedicamo-nos à formação dos responsáveis, tarefa específica dos missionários. As reuniões, uma vez por semana, contribuem muito para o desenvolvimento da comunidade. É nestas reuniões que tentamos ver - ou viver - o que consideramos as características essenciais de uma verdadeira comunidade.

- . ser uma comunidade de fé e de oração, por meio da Palavra de Deus;
- . ser uma comunidade dedicada ao apostolado;
- . ser uma comunidade marcada pela caridade;
- . ser uma comunidade comprometida no desenvolvimento.

Damos muita importância às visitas entre as comunidades, aos encontros de várias comunidades ou de todas ao mesmo tempo.

- Qual é a vossa organização?

Depois de cerca de cinco anos, chegámos a dividir cada paróquia ou missão, em vários sectores, sendo cada sector composto de 8 a 10 comunidades cristãs.

Cada comunidade cristã tem os seus responsáveis que exercem as tarefas ou ministérios de que a comunidade tem necessidade.

Insistimos muito na necessidade, para cada comunidade, de ser missionária por natureza.

O sector reagrupa oito a dez comunidades. À frente e inteiramente comprometido, há o responsável do sector, que não tem outro trabalho. Tem por missão visitar as comunidades, regular os assuntos e forma os responsáveis das comunidades para os diversos ministérios das mesmas. É assistido por um Conselho composto pelos principais responsáveis das comunidades.

Os responsáveis de sector formam o Conselho Paroquial. À frente do Conselho Paroquial, há um presidente, que não é necessariamente missionário. A equipe missionária participa no Conselho.

- Qual é o papel do missionário?

R./ - O papel específico de todo o missionário será, cada vez mais, o de um formador e de um animador de comunidades.

UM APELO: - Comunicai-nos as vossas experiências que julgais interessantes, os vossos trabalhos e artigos sobre as comunidades cristãs. Apresentai-nos as leituras que vos orientaram, para que possamos satisfazer as necessidades de outros, a este respeito. Podemos fornecer um artigo ou outro sobre as comunidades cristãs. Especificai o aspecto que vos interessa. Responder-vos-emos segundo as nossas possibilidades.

INFORMAÇÃO: - O P. Paul Coulon, C.S.Sp., realizou uma montagem audio-visual sobre as "Comunidades cristãs" para a animação missionária. Escrevei-nos para outras informações.

+++++

DEPOIMENTO

SOBRE AS COMUNIDADES DE BASE

NC BRASIL

Por Adrien van SONSBECK

(Conselheiro Geral)

UMA RENOVACÃO: - Agora é uma realidade! Em dez anos, a fisionomia da Igreja no Brasil transformou-se graças às comunidades de base. Depois de algumas experiências isoladas, as comunidades de base foram lançadas como o meio mais importante de renovação das paróquias e da vida da Igreja.

Em 1965, a Conferência Episcopal do Brasil deu relevo às comunidades de base no seu plano pastoral para os anos 1965 - 1970. Presentemente há mais de 40.000 comunidades de base no Brasil, e cada dia, nascem outras novas.

Este plano pastoral, lançado no Brasil, foi retomado, em 1968, pela Conferência Geral do Episcopado da América latina (CELAM), em Medellín. Encontram-se agora comunidades de base em todos os países do continente.

Em 1974, os bispos do Brasil reafirmaram a prioridade pastoral das comunidades de base, no seu plano nacional de pastoral. Várias dioceses e prelaturas, das quais os Espiritanos de Téfé na Amazônia, concentram o seu projecto pastoral nas comunidades de base.

AINDA NÃO POR TODA A PARTE: Há regiões onde as comunidades de base mais dificilmente se desenvolvem. Por mais estranho que pareça, um dos obstáculos nestes locais é a grande abundância de sacerdotes. Citamos igualmente: uma pastoral demasiado centrada nos sacramentos, demasiado clerical e ainda demasiado tradicional.

AFINIDADES COM OUTROS CONTINENTES: Julgava que estas comunidades de base do Brasil eram muito diferentes das comunidades cristãs da África ou de outros continentes. Com certeza que o são sob muitos aspectos. Entretanto, ao consultar as diversas publicações e ao ouvir o testemunho de missionários de passagem na Casa Generalícia, tenho a impressão que se trata de um mesmo movimento e de uma mesma tendência. É o mesmo esforço, e sobretudo o mesmo Espírito que faz nascer a Igreja a partir da base, o Povo de Deus.

UM DESEJO: Tendo visto a actividade extraordinária das comunidades de base no Brasil, tendo ouvido falar de pequenas comunidades na África, desejo sinceramente que todos os missionários Espiritanos possam ser parte desta renovação na Igreja. A nossa actividade missionária poderá encontrar uma "nova juventude", graças a estas pequenas comunidades.

NOTA: - Para aqueles que desejarem mais informações sobre as comunidades de base, temos vários artigos e podemos fornecer uma bibliografia.

+++++

O U T R O

T E S T E M U N H O

IMPASSE OU REVISÃO?

Nota: - por discreção, guardamos o anonimato desta equipe missionária de Espiritanos que, diante do impasse da Evangelização, reviram a sua actividade missionária e começaram a rea-

lização de um projecto de formação de comunidades cristãs. Salientamos este esforço, quer para nos iluminar quer para lhes testemunhar a nossa solidariedade. Isto leva-nos a rezar por eles e por todos aqueles que se comprometem em vias novas e difíceis.

UM IMPASSE: - 700 km de rio, seis centros ou missões, e várias pequenas aldeias no interior do país. As missões enfraquecem. A assembleia dominical é constituida por pessoas de idade e por crianças. Ausência de jovens e pessoas activas. Missionários desencorajados e partem... É o impasse.

ESTE "QUALQUER COISA": - Há também este "qualquer coisa" no missionário que o leva a não se resignar diante do impasse e que o torna inventivo. Este "qualquer coisa" que se encontra um pouco por toda a parte, foi uma realidade também nesta equipe.

"NOSSA OPÇÃO": - Eis a nossa opção. Foi dividida com o bispo... De acordo para uma ruptura em vista de um eventual renascimento das nossas comunidades. Pensamos realizá-la com a formação de uma equipe de três ou quatro missionários, cujo objectivo não será correr de uma comunidade à outra para celebrar a missa, nem de animar directamente estas comunidades. Será antes uma equipe formada por responsáveis de comunidades e de catequistas, permanecendo de uma a três semanas em cada centro. Uma vez que estes centros não têm sacerdotes residentes, as comunidades serão obrigadas a reagir por si próprias, sob pena de morte como comunidade. Mas estaremos lá para formar, encorajar e reunir em volta da mesa eucarística os elementos que reagirem positivamente.

Haverá uma equipe itinerante com reuniões cerca de três vezes por ano em cada centro. Seremos em breve quatro e então poderemos assim organizar duas sessões numa mesma região: uma equipe no centro e outra no mato.

AS SESSÕES: - Em cada sessão, trabalharemos a diversos níveis:

- . formação dos responsáveis: evangelho e vida da comunidade (seis ou sete reuniões);
- . reuniões de informação e de troca de impressões com toda a comunidade (duas ou três vezes);
- . reuniões litúrgicas com toda a comunidade, quatro vezes em média. Três Eucaristias, sempre longamente preparadas pelos responsáveis e animadas por eles, donde o seu número bastante restrito. Uma liturgia penitencial;
- . trabalho com os jovens: biblioteca e círculo de estudos do evangelho, onde é possível.

NOSSA FINALIDADE: - Propomo-nos realizar uma organização, tipo

autogestão, das comunidades e a animação das reuniões dominicais profundamente animadas pela Palavra de Deus.

UMA EQUIPE: - Temos a felicidade de formar uma equipe muito unida, creio, e muito complementar. A preparação e a avaliação fazem-se sem problemas e muito regularmente. Estamos empenhados numa autêntica vida de oração e uma partilha da fé.

SOMOS FELIZES: - O trabalho é duro, mas sentimo-nos felizes nesta iniciativa. É o método do futuro, cada vez mais estamos convencidos disso. Se a experiência fosse tentada em condições geográficas e humanas menos desfavoráveis, os resultados seriam, bem entendido, melhores. Mas preferimos trabalhar com este espírito aqui, junto ao rio, do que noutra parte com os velhos métodos.

UMA PROPOSIÇÃO: - Existem um pouco por toda a parte equipes-piloto; outras formam-se; vários desejavam comprometer-se nesta direcção. Sabemos, em parte por experiência, quanto é difícil e exigente. Não seria de desejar colocar estas equipes em relação umas com as outras? Para se apoiarem, se informarem, criar laços de solidariedade. Numa palavra, para se entreeajudarem. Se sim, poderíamos servir de "lugar de abertura e de permuta". Respondei.

+++++

O S N O S S O S

C O M E N T Á R I O S

O vosso pensamento será talvez: "As comunidades cristãs, está em moda", ou então: "Mas sempre fundámos comunidades cristãs", ou ainda: "Vamos cair nos grupúsculos, rumo a uma desagregação da Igreja".

Longe de estar em moda, a comunidade cristã é uma exigência do próprio pertencer a Cristo, exigência que se manifesta desde os primeiros anos do cristianismo. "A multidão dos crentes tinha um só coração e uma só alma" (cf. as duas descrições da comunidade primitiva em Act. II, 42-46 e IV, 32-34).

Notemos ainda a instância de S. Paulo sobre a comunidade que é Corpo de Cristo, a comunidade que participa ao mesmo tempo da vida de Cristo e da sua missão. (Cf. os grandes textos 1ª Cor. 12; Rom. 12, 4-8; Ef. 2, 14-21 e 4, 1-16).

É surpreendente também observar a diversidade das comunidades primitivas: as de Jerusalém, de Corinto, dos Colossenses... O encontro do Evangelho com meios culturais diferentes faz e deve fazer surgir comunidades diversificadas.

O fenómeno das comunidades cristãs, "sinal e linguagem do Espírito hoje", resultado da eclesiologia renovada do Vat. II, no fundo, não é outra coisa que o rejuvenescimento de uma Igreja piramidal rumo a uma Igreja mais conforme à da Comunidade primitiva, tal como a Escritura no-la revela.

"O Vaticano II fez ressurgir a concepção primitiva da Igreja, que é a do Povo de Deus - Corpo de Cristo, cuja lei suprema, a forma de vida, o laço de unidade e o amor interpessoal é a verdadeira caridade fraterna, vivida e exercida em Cristo,

e onde os ministérios são pontos de apoio, canais de Bens divinos, repartidos em toda a parte pelo Povo" (Boletim do Distrito do Gabão, n. 23, consagrado quase inteiramente ao tema da comunidade cristã. - Interessante, à vossa disposição).

Parece-nos importante e necessário, diríamos indispensável, que estejamos abertos a esta eclesiologia renovada se nos queremos comprometer com esta primeira prioridade das nossas "Directivas de Animação", n. 12. Aliás vale também para todas as nossas prioridades missionárias de hoje.

Inspirados por esta renovação ou simplesmente por uma análise da situação, muitos dos nossos missionários esforçam-se por criar verdadeiras comunidades responsáveis e missionárias, que são, apesar de tudo, bem diferentes de uma grande paróquia ou missão, as quais favorecem muitas vezes o anonimato e a irresponsabilidade e que fazem dos cristãos, muitas vezes, "consumidores". Encorajamos estes missionários.

Como primeiro passo para o desenvolvimento destas comunidades cristãs vivas, encorajamos a formação de equipas missionárias que ligam muita importância a uma vida de partilha a todos os níveis; equipas que exercem, se possível, uma pastoral de sector, em vez de assegurar uma permanência tantas vezes monopolista que, afinal de contas, impedem o nascimento destas comunidades; equipas que se consagram antes de mais à formação do laicado e em particular dos responsáveis.

Estamos convencidos que as comunidades cristãs oferecem uma nova via para a nossa actividade missionária.

A Equipe generalícia